

Sumário

1	Introdução	3
2	Apresentação do Ministério do Turismo	4
3	Apresentação da Embratur	5
4	Fundação Getulio Vargas	6
5	Metodologia e Amostra	7
6	Análise Macroeconômica	8
7	Análise Macroeconômica do setor de turismo	11
8	Relatório consolidado	13
9	Relatórios setoriais	15
9.1	Agências de viagem	15
9.2	Companhias aéreas	16
9.3	Locadoras de automóveis	17
9.4	Meios de hospedagem	18
9.5	Operadoras de receptivo	19
9.6	Operadoras de turismo	20
9.7	Promotores de Feiras e Eventos	21
10	Anexo: Boletim de desempenho econômico do turismo	22
11	Compromisso de confiabilidade	23
12	Agradecimentos	24
13	Equipe	25

1. Introdução

Bem-vindo à III Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo, uma iniciativa do Ministério do Turismo e da Embratur, em parceria com a Fundação Getulio Vargas - FGV. Este estudo realizado pelo Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Hotelaria, da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE-FGV), chega a sua terceira edição como uma resposta às necessidades de análises consistentes do mercado turístico brasileiro.

Para alcançar o objetivo de monitorar o desempenho da atividade do turismo, foram ouvidos empresários e principais executivos das maiores empresas do setor, as quais foram divididas em sete segmentos: agências de viagens, companhias aéreas, locadoras de automóveis, meios de hospedagem, operadoras de receptivo, operadoras de turismo e promotores de feiras e eventos.

Nas próximas páginas, o leitor encontrará informações a respeito do comportamento do cenário macroeconômico do Brasil em 2006 e o turismo inserido nesta realidade. É importante destacar que os resultados aqui publicados refletem a opinião dos entrevistados em relação ao faturamento, situação dos negócios que administram, investimentos para 2007, custos e postos de trabalho. Nesta edição, foram interpretadas as respostas das 80 maiores empresas do setor, que auferiram um faturamento total R\$ 29,6 bilhões.

Esperamos que este relatório sirva como subsídio na tomada de decisões estratégicas de entidades públicas e privadas.

Boa leitura!

2. Apresentação do Ministério do Turismo

Em todo segmento econômico são exigidos estudos, análises, pesquisas, enfim, um sistema de informações precisas no qual os agentes públicos e privados possam se basear para definir planejamentos e tomar decisões. Assim é, também, no Turismo.

Desde a sua criação, o Ministério do Turismo trabalha na construção do Sistema de Informações Turísticas do Brasil. E, hoje, pode oferecer ao País dados plenamente confiáveis, coletados e analisados a partir de parcerias com diversos órgãos públicos e privados especializados. São informações que refletem e orientam o setor.

Dentre elas, está a Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo que tem como fonte as maiores empresas de segmentos turísticos. É com alegria que apresentamos aqui a terceira edição desse valioso instrumento, de âmbito nacional, que interpreta as respostas dos empresários e aponta a percepção do grupo pesquisado sobre a atividade que dirigem.

Um de seus objetivos primordiais é cotejar os dados com os resultados trimestrais do Boletim de Desempenho Econômico do Turismo e revelar sintonia fina entre essas duas importantes bases de dados do Sistema de Informações Turísticas.

Assim, mais uma vez o Ministério do Turismo oferece à sociedade informações que contribuem para a definição de políticas públicas eficazes e para o planejamento de atividades desempenhadas pelo trade turístico, pelo terceiro setor e pelo mundo acadêmico.

Walfrido dos Mares Guia

Ministro do Turismo

3. Apresentação da Embratur

Nos últimos anos, os empresários vêm sistematicamente manifestando otimismo em relação aos negócios do Turismo, de uma forma inédita na história do setor. Observamos que a manifestação do segmento privado tem refletido os bons resultados que a atividade turística brasileira vem acumulando no mercado internacional, desde que foi definida como prioridade pelo Governo Federal, com nova estrutura, novo planejamento, novos recursos.

A Embratur, que passou a tratar exclusivamente da promoção do Brasil no exterior, também se organizou para aprofundar o conhecimento sobre a atividade turística em nosso País, por meio de um Sistema de Informações, no qual se incluem dois tipos de pesquisa direta com empresários e dirigentes de segmentos econômicos do turismo, onde podemos acompanhar e analisar as reações e o pensamento do mercado.

Uma delas é a Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo, que lança aqui sua terceira edição, consolidando-se como valioso instrumento de consulta. Com ela, a Embratur avança na organização de um banco de dados confiáveis sobre o turismo, contribuindo para as decisões empresariais dos diversos segmentos pesquisados e para o aprimoramento das políticas públicas da nossa economia turística.

Jeanine Pires

Presidente da Embratur

4. Fundação Getulio Vargas

A Fundação Getulio Vargas (FGV), em mais de sessenta anos de história, construiu sua importância no cenário nacional, a partir das diversas atividades que desenvolve. Entre elas, a área de pesquisas tem grande importância pois é, desde 1947, responsável pela elaboração dos principais indicadores econômicos do País e base para que a instituição seja referência nas áreas de Administração, Economia, Documentação, Pesquisa Histórica e Direito.

Ciente da relevância do setor de turismo para a economia brasileira, a FGV desenvolve um amplo trabalho de monitoramento e análise de suas tendências por meio do Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Hotelaria - NEATH - integrante da Escola Brasileira de Administração de Pública e de Empresas - EBAPE.

A EBAPE é um dos principais instrumentos que operacionalizam a missão da FGV: transmitir os valores da racionalidade administrativa e econômica e colocá-los a serviço do interesse público e do desenvolvimento nacional.

E é justamente em cumprimento a essa missão que apresento a Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo, cuja metodologia qualitativa capta a visão dos oitenta principais executivos do setor, no que concerne ao faturamento, custos operacionais, preços e postos de trabalho, para o ano passado e o vigente. Desta forma, a pesquisa se constitui como um importante balizador para acompanhamento do setor turístico, auxiliando no processo decisório do empresariado brasileiro.

Bianor Scelza Cavalcanti

Diretor da EBAPE

5. Metodologia e Amostra

A Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo é uma publicação que leva ao público o resultado de uma análise de caráter qualitativo. Questões referentes às principais variáveis econômicas são abordadas, em associação com os resultados de um levantamento amostral realizado em sete segmentos do turismo, característicos da atividade turística.

Esta pesquisa, de âmbito nacional, reflete a opinião dos diretores das maiores empresas do setor sobre o momento atual dos negócios, o ano imediatamente anterior e o posterior.

Para analisar os resultados é utilizado o saldo de respostas, que consiste na diferença percentual entre as assinalações de aumento e de queda de uma determinada variável. Esse saldo reflete a percepção do segmento respondente, em relação ao tema da pergunta. A variação média percentual representa a variação de expansão ou de contração da variável, segundo percentuais ponderados das observações e previsões feitas pelos respondentes.

As respostas obtidas junto às empresas são ponderadas para refletir o peso de cada respondente no mercado do turismo em geral e no seu segmento em particular. Para tal, são utilizadas variáveis de categorização que permitem a ponderação de cada resposta individual e do segmento respondente.

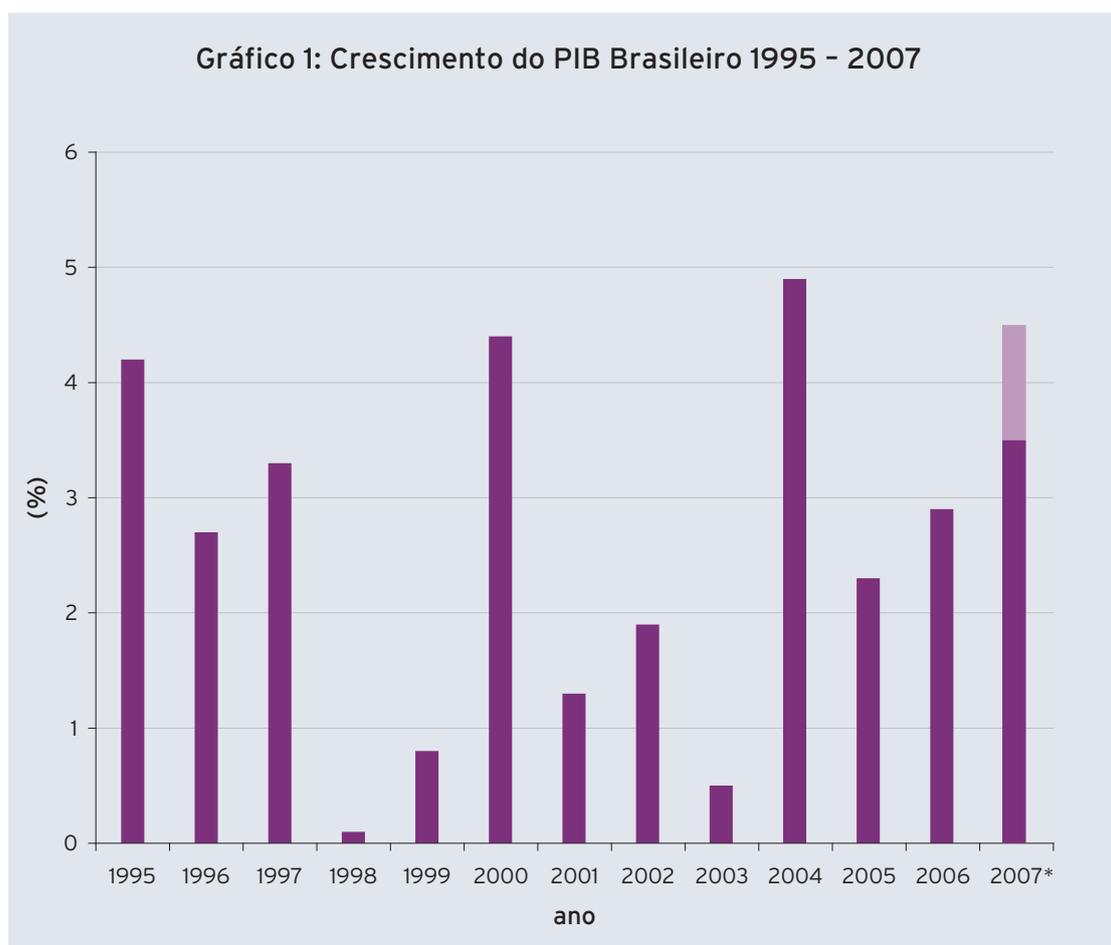
A fim de se atingir os objetivos da pesquisa, foram empregadas técnicas de amostragem que permitem estimar o universo desejado através dos pesquisados. A amostra foi dividida em 7 estratos, representando cada setor da economia do turismo pré-selecionado. Para alocá-los, a amostra utilizou 50% da ponderação de alocação ótima de Neyman e 50% da amostragem Proporcional, garantindo a consideração da importância econômica e do número de empresas por estrato.

A presente Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo reflete as respostas coletadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2007. Os números relativos à amostra deste levantamento (em todos os segmentos) são os seguintes:

- Empresas respondentes: 80
- Total do faturamento: R\$ 29,6 bilhões
- Postos de trabalho em dez/2006: 81.331
- Unidade da Federação representada: 27

6. Análise Macroeconômica

A evolução recente do comportamento do **Produto Interno Bruto (PIB)** do País mostra movimento errático nos últimos anos. Em 2006, as estimativas iniciais de majoração da **economia nacional** atingiam 4,0%, mas o crescimento foi menor: 2,9% (abaixo do apurado para a América Latina: 4,6%). A expectativa para 2007 é que o crescimento do PIB alcance uma faixa de 3,5% a 4,5%.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

* estimativa

Cabe ressaltar que tal desempenho foi inferior ao crescimento da **economia mundial** que, em 2006, apresentou um resultado excepcional de 5,1%, fortemente influenciado pelo desempenho das economias dos Estados Unidos da América (+3,4%) e da China (+10,7%). O Fundo Monetário Internacional (FMI) antevê que a economia mundial vai permanecer forte em 2007 (+ 4,9% em relação a 2006), com a Ásia compensando, em parte, o menor crescimento esperado da União Européia (de 2,4%, em 2006, para 2,0%, em 2007) e dos EUA (+3,4% em 2006, contra 2,9% em 2007). A previsão do governo brasileiro para crescimento da economia, no ano em curso, é de 4,5%; enquanto que o FMI e o mercado em geral prognosticam taxas inferiores (4% e 3,5%, respectivamente).

No sentido de atingir tal índice, foi lançado, em janeiro, o **Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)**, no qual estão listadas obras prioritárias no sentido de “destravar” a economia, esperando contar com investimentos públicos e privados no montante, de pouco mais de R\$ 500 bilhões, em infraestrutura, em quatro anos (em torno de 25,8% do PIB em 2005, equivalente a R\$ 1,9 trilhão). Um dos méritos do PAC é a criação de uma agenda positiva de crescimento da economia do País.

Dados divulgados pelo Banco Central, concernentes às **contas públicas**, destacam o cumprimento da meta de superávit primário em 2006 (economia utilizada para pagamento dos juros da dívida interna), sendo obtido um montante de R\$ 90,1 bilhões, equivalentes a 4,32% do PIB (4,83%, em 2005). Esse dado retrata o compromisso do Governo com o equilíbrio das contas públicas, o que pode criar bases para uma estabilidade econômica.

No que se refere a estabilidade monetária, segundo a FGV, a **inflação** medida pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) situou-se abaixo da meta de 4,5% estabelecida pelo Governo, acumulando alta de 3,79% em 2006, a quarta menor taxa histórica do indicador (a mais baixa foi registrada em 2005: 1,22%). Na composição do IGP-DI em 2006, os preços no atacado cresceram 4,29%; os preços no varejo aumentaram 2,05%; e os custos da construção, 5,04%.

O controle da inflação permitiu a redução gradual na taxa de juros. Em janeiro/2006, a **taxa básica de juros** da economia (Selic) era de 17,25% a.a.. O Comitê de Política Monetária (Copom) reduziu-a gradualmente ao longo do ano, fixando-a, em novembro/2006, em 13,25% a.a. - trata-se da mais longa seqüência de declínio desde a implantação do sistema de metas de inflação no País, em 1999. Em janeiro/2007, o Copom baixou a taxa para 13% a.a.. Entretanto, tal redução de 0,25% foi considerada insuficiente por parcela do mercado, que acredita que uma queda mais acentuada seria essencial para a indução do crescimento da economia. Vale salientar que os juros reais (calculados descontando-se da taxa básica a inflação projetada para os próximos 12 meses) continuam sendo elevados se comparados à dinâmica econômica brasileira. A tendência para 2007 é de continuidade da redução gradual dos juros, buscando-se elevar a taxa de crescimento da economia, sem pôr em risco o controle da inflação.

Outro fator que contribuiu para a redução da taxa de juros foi a queda do **risco-país** que, no princípio de janeiro/2006, era de 302 pontos, declinando ao nível de 193 pontos ao final do ano, o que corresponde a uma queda de 36,1%. Ressalte-se, igualmente, que a melhora na percepção quanto aos rumos da economia brasileira tem atraído a entrada de capital externo, favorecendo a valorização do Real.

O **dólar** (comercial venda) iniciou 2006 cotado a R\$ 2,34/US\$ e encerrou o ano em R\$ 2,135/US\$. Ao final de janeiro de 2007, atingiu o seu mais baixo valor em 8 meses (R\$ 2,124/US\$), provocando a reação do Banco Central no sentido de tentar segurar a queda da sua cotação, ao adquirir cerca de US\$ 2,5 bilhões.

Apesar da valorização do real frente ao dólar, os resultados da **balança comercial**, em 2006, são considerados satisfatórios: as exportações somaram, em 2006, US\$ 137,5 bilhões, enquanto que as importações totalizaram US\$ 91,4 bilhões, com superávit recorde de US\$ 46 bilhões (a previsão do Governo era a de que o saldo atingisse US\$ 44 bilhões). Assim sendo, a **corrente de comércio** (exportações mais importações) alcançou US\$ 228,9 bilhões, no ano. O resultado das vendas externas, em 2006, superou em 16,2% o auferido em 2005 (US\$ 118,3 bilhões), ao passo que as compras externas cresceram 24,2% (US\$ 73,6 bilhões em 2005). Os principais destinos das exportações brasileiras, em 2006, foram os Estados Unidos (US\$ 24,7 bilhões), a Argentina (US\$ 11,7 bilhões), a China (US\$ 8,4 bilhões) e o México (US\$ 4,4 bilhões).

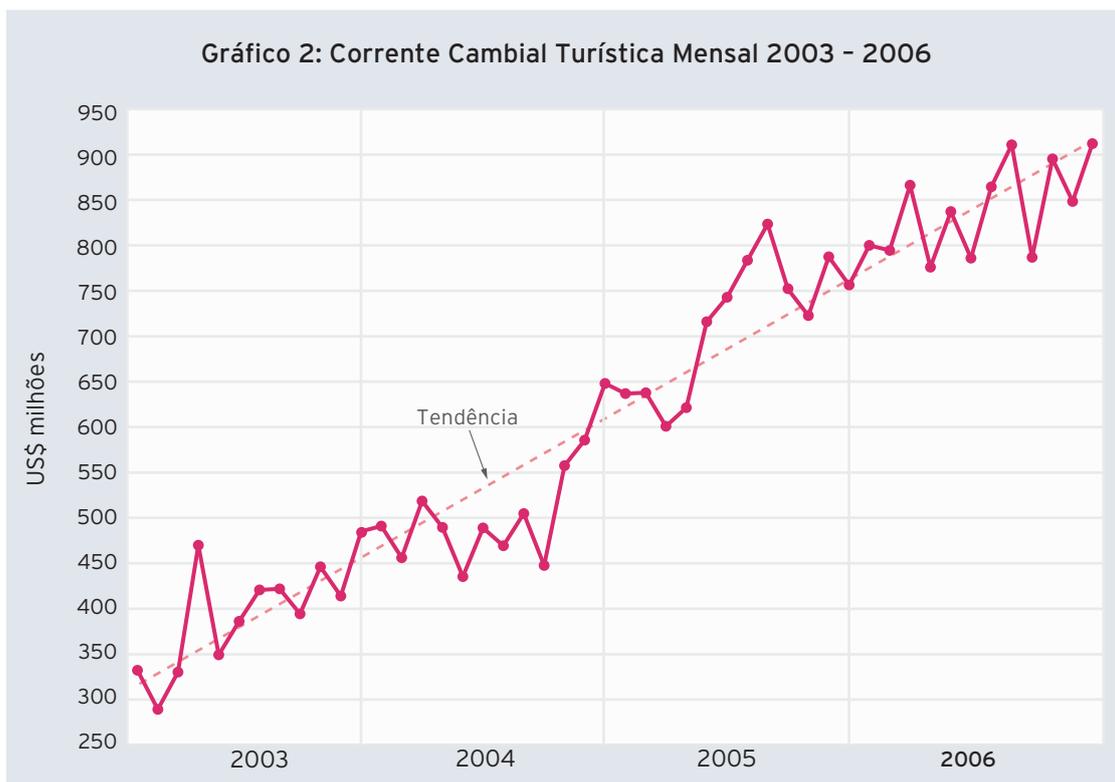
Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior a meta fixada pelo governo para as **exportações**, em 2007, é de US\$ 152 bilhões, considerando um câmbio estável e que a expansão das vendas seja sustentada mais pelo incremento do volume do que pela majoração de preços dos produtos comercializados. A expectativa para as **importações** é de crescimento maior do que o das exportações, não sendo fixada uma meta para 2007. Tal fato é positivo para o País, uma vez que 70% das compras externas estão diretamente vinculadas à indústria, e tratam-se de matérias-primas e máquinas para a modernização do parque industrial.

Após ter alcançado o recorde de preço de US\$ 78,4 em meados de julho/2006, o barril de **petróleo** foi negociado a US\$ 61,05 no final do ano (apenas US\$ 0,01 a mais do que a cotação registrada no término de dezembro/2005). As causas mais relevantes da queda acentuada das cotações do barril do petróleo foram a desaceleração econômica, o inverno no hemisfério norte mais ameno (que fez diminuir a demanda de óleo para aquecimento) e os estoques elevados no bimestre novembro-dezembro. Vale ressaltar que, pela primeira vez em mais de 20 anos, caiu, em 2006, o consumo de petróleo por parte dos países mais industrializados - os 30 países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), responsáveis por cerca de 60% do consumo mundial, diminuíram em 0,6% o uso do combustível, comparativamente a 2005. Segundo a AIE (Agência Internacional de Energia), além da menor demanda dos EUA, a redução do consumo por parte dos países da OCDE também contribuiu para o declínio acentuado dos preços do produto nos últimos seis meses.

7. Análise Macroeconômica do setor de Turismo

Pelo quinto ano consecutivo observa-se a expansão de divisas no País por meio do turismo internacional. Dados do Banco Central revelam recorde histórico dos **gastos de turistas estrangeiros** em visita ao Brasil, em 2006: US\$ 4,3 bilhões (11,78% a mais do que os US\$ 3,9 bilhões auferidos em 2005, até então a melhor marca da série iniciada em 1969). A **receita** obtida em 2006 é 116,02% maior do que a de 2002 (US\$ 2 bilhões), o primeiro ano dessa seqüência positiva, seguindo-se: US\$ 2,5 bilhões, em 2003, e US\$ 3,2 bilhões, em 2004. Os resultados alcançados em 2006 representam uma conquista, principalmente, em virtude da valorização do câmbio, dos problemas enfrentados nos aeroportos e da crise financeira e operacional da Varig, esta última responsável pela desistência estimada de cerca de 400 mil turistas estrangeiros ao País.

A valorização cambial também refletiu no aumento dos gastos dos brasileiros em suas viagens ao exterior. Dados do Banco Central mostram que as **despesas** totalizaram, em 2006, US\$ 5,8 bilhões (22,12% a mais do que os US\$ 4,7 bilhões em 2005), o maior valor registrado desde 1998, época em que o dólar valia cerca de R\$ 1,00. Tendo em vista que a **receita** com a vinda de turistas, em 2006, somou US\$ 4,3 bilhões, ocorreu um **déficit**, no período, de US\$ 1,4 bilhão. A **corrente cambial de turismo** (receita mais despesa cambial turística) em 2006 (US\$ 10 bilhões) superou em 17,47% a registrada em 2005 (US\$ 8,5 bilhões), representada no gráfico 2.



Fonte: Banco Central

No que concerne ao total de **desembarques internacionais** de passageiros, que inclui brasileiros retornando do exterior chegaram ao País 6.367.179 passageiros (6,20% a menos do que os 6.788.233 passageiros registrados em 2005), apesar das adversidades da aviação civil ocorridas em 2006. Os desembarques internacionais em vôos *charters* (fretamentos que transportam exclusivamente turis-

tas estrangeiros) confirmaram a trajetória de crescimento ao longo de todo o ano passado: 423.514 passageiros em 2006, contra 349.654 desembarcados em 2005 (desempenho 20,72% superior).

Quanto aos **desembarques nacionais**, em 2006, constatou-se aumento de 7,54% em relação a 2005, apesar da diminuição da oferta de cerca de 7,9 milhões de assentos provocada pela crise da Varig. Trata-se, igualmente, do melhor resultado de todos os tempos da aviação brasileira: desembarcaram, nos aeroportos de todo o País, 46.345.828 passageiros oriundos de vôos domésticos regulares e não regulares (7,54% a mais do que os 43.095.828 referentes a 2005).

O Ministério do Turismo terá R\$ 368,74 milhões no Orçamento Geral da União de 2007, sem contabilizar as emendas parlamentares - que no ano de 2006 chegou a R\$ 1,45 bilhão - e poderá contar com **recursos** (para investimentos em promoção, infra-estrutura turística e capacitação) da ordem de, pelo menos R\$ 1,8 bilhão, o que constitui mais um recorde histórico.

A opinião dos maiores executivos do setor de turismo corrobora o cenário positivo da economia brasileira verificado em 2006: 73,8% do setor verificou sua melhora. Apenas o segmento de operadoras de receptivo apontou uma retração na economia, certamente influenciado pelo reflexo da valorização do real nos seus negócios.

Tabela 1: Desempenho da economia brasileira segundo os segmentos de turismo em 2006 (%)

	Agências de Viagens	Companhias Aéreas	Locadoras de Automóveis	Meios de Hospedagem	Receptivo	Operadoras	Feiras e Eventos	Consolidado
Crescimento (A)	50,6	100	100	37,1	28	91	62	77
Estabilidade (B)	49,4	-	-	56,7	25	9	10	19,9
Retração (C)	-	-	-	6,2	47	-	28	3,1
Saldo de Respostas (A) - (C)	50,6	100	100	30,9	-19	91	34	73,8

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

Em relação a 2007, 82% dos executivos do setor de turismo apostam no crescimento da economia brasileira. Tal expectativa foi fortemente influenciada pelos segmentos de companhias aéreas, meios de hospedagem, locadoras de automóveis e operadoras de turismo (Tabela 2).

Tabela 2: Expectativa de desempenho da economia brasileira segundo os segmentos de turismo para 2007 (%)

	Agências de Viagens	Companhias Aéreas	Locadoras de Automóveis	Meios de Hospedagem	Receptivo	Operadoras	Feiras e Eventos	Consolidado
Crescimento (A)	46,3	100	100	55,3	28	96	77,6	82,1
Estabilidade (B)	53,7	-	-	44,7	72	4	22,4	18,2
Retração (C)	-	-	-	-	-	-	-	-
Saldo de Respostas (A) - (C)	46,3	100	100	55,3	28	96	77,6	82,1

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

8. Relatório Consolidado

A seguir serão apresentados os resultados do turismo no Brasil, com base na análise dos segmentos entrevistados, cujos dados são apresentados nos seus respectivos relatórios setoriais.

Para 78,8% do mercado consultado, a economia do turismo cresceu em 2006, superando o percentual de crescimento da economia brasileira.

Tabela 3: Auto-avaliação dos segmentos quanto ao desempenho do seu mercado de atuação em 2006 (%)

	Agências de Viagens	Companhias Aéreas	Locadoras de Automóveis	Meios de Hospedagem	Receptivo	Operadoras	Feiras e Eventos	Consolidado
Crescimento (A)	77,7	100	100	54,9	28	88	53,3	83,2
Estabilidade (B)	22,3	-	-	32,8	19,0	7	36,9	12,4
Retração (C)	-	-	-	12,3	53,0	5	9,8	4,4
Saldo de Respostas (A) - (C)	77,7	100	100	42,6	-25	83	43,5	78,8

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

Essa percepção positiva em relação ao setor de turismo pode ser verificada com o desempenho do faturamento que nos últimos anos apresentou uma tendência de expansão, apenas com queda em 2005. A variação média percentual foi de 24,1%, em 2004; 17,3%, em 2005 e 29,3%, em 2006. Percebe-se que esta variação de 29,3% foi impulsionada, em grande parte, pelos montantes auferidos pelos segmentos de agências de viagem, locadoras de automóveis, companhia áreas e operadoras de turismo.

Tal fato induziu os empresários a ampliarem em 21,6% o quadro de pessoal no ano de 2006, principalmente nos segmentos de agências de viagem, companhias aéreas e feiras e eventos, sendo este um dos mais importantes fatores repuxáveis pela majoração dos custos (+7,9%, em média) e repassados parcialmente aos preços (alta de 6,0%).

A expectativa dos empresários é de que o setor de turismo continue com um ritmo de crescimento, como verificado por 86,2% da amostra.

Tabela 4: Expectativa de desempenho referente ao seu mercado de atuação para 2007 (%)

	Agências de Viagens	Companhias Aéreas	Locadoras de Automóveis	Meios de Hospedagem	Receptivo	Operadoras	Feiras e Eventos	Consolidado
Crescimento (A)	95,5	100	100	65,6	26	87	48,8	87,1
Estabilidade (B)	-	-	-	34,4	49	12	46,7	11,9
Retração (C)	4,5	-	-	-	25	1	4,5	1,0
Saldo de Respostas (A) - (C)	91	100	100	65,6	1	86	44,3	86,2

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

Espera-se que a manutenção de ganhos no faturamento obtido em 2006 venha a se repetir em 2007, com um aumento na variação média de 29,8%. Ao se confirmarem esse prognóstico, todos os segmentos deverão impulsionar a economia do turismo em 2007, com exceção das operadoras de receptivo, que vislumbram decréscimo de 7,4%.

A concretização de elevação do faturamento certamente estimulará o incremento das contratações de pessoal em 2007 (com variação média de 14,0% sobre 2006), especialmente nas companhias aéreas e locadoras de automóveis.

As projeções para 2007 apontam novo aumento dos custos (7,1%, em média, no resultado consolidado do setor de turismo), sendo os percentuais mais elevados detectadas nos segmentos de agências de viagens e operadoras de receptivo. No que concerne aos preços, a previsão de variação média de 5,8% para 2007 mostra, mais uma vez, a dificuldade dos empresários em repassarem integralmente a majoração dos custos esperada, sendo o mais amplo aumento previsto pelas operadoras de receptivo, seguido das locadoras de automóveis.

Tabela 5: Variação média dos principais indicadores setoriais em 2006 (%)

	Agências de Viagens	Companhias Aéreas	Locadoras de Automóveis	Meios de Hospedagem	Receptivo	Operadoras	Feiras e Eventos	Consolidado
Faturamento	17,7	42,4	42,9	12	-4,2	18,5	27,3	29,3
Preços	10,1	-6,4	-	6,4	14,4	1,8	8,6	6
Custos	18	3	19,3	8,2	18,9	5,7	19,2	7,9
Postos de Trabalho	13,1	34,9	19,8	6,7	2,8	10,7	19,6	21,6

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

Tabela 6: Expectativa da variação média dos principais indicadores setoriais para 2007 (%)

	Agências de Viagens	Companhias Aéreas	Locadoras de Automóveis	Meios de Hospedagem	Receptivo	Operadoras	Feiras e Eventos	Consolidado
Faturamento	21,5	45	22,5	15,6	-7,4	19	14,7	29,8
Preços	7,1	-	-	6,9	14	4,5	7,2	5,8
Custos	14,2	-4,1	10,4	5	13,2	4,4	2,4	7,1
Postos de Trabalho	1,3	23,1	12	8,2	-0,1	8,9	-0,9	14

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

9. Relatórios Setoriais

9.1 Agências de Viagem

Na avaliação de metade do mercado, o desempenho da economia brasileira, em 2006, superou o de 2005, enquanto que a outra metade assinalou estabilidade. No que tange especificamente ao mercado de agências de viagens, a evolução foi, igualmente, bastante satisfatória (78% informando expansão e 22%, estabilidade), reflexo não só do desempenho da economia do País, mas também do aumento do total de passageiros e da diversificação de produtos ofertados pelas operadoras, companhias aéreas e hotéis.

Tais fatores influenciaram positivamente a elevação de 17,7% do faturamento em 2006, além da elevação do valor médio do tíquete - ressalte-se que, em 2005, esse crescimento foi de apenas 2,8%.

A majoração registrada na folha de pagamentos e o investimento na capacitação de mão-de-obra se constituíram nos principais fatores que repercutiram em aumento dos custos em 2006 (18% sobre 2005). Por outro lado, a variação média dos preços no mercado foi de 10,1% em relação a 2005. No que tange ao quadro de pessoal, a ampliação em 2006 (13,1%) superou, de modo geral, as expectativas empresariais (5,3%).

No princípio de 2007, os fatores que mais inibem o incremento dos negócios, segundo a opinião dos empresários, são a carga tributária e a escassez de assentos nos vôos domésticos e internacionais, além das dificuldades provocadas pela crise do setor aéreo. Como limitadores menos importantes dessa expansão foram apontados a falta de financiamento de longo prazo, o acirramento da concorrência e a escassez de capital de giro e de mão-de-obra qualificada.

Os recursos destinados a investimentos, em 2007, correspondem a 3,45% do faturamento total do ramo, devendo ser alocados principalmente em tecnologia, treinamento de pessoal, reestruturação de processos e marketing.

Para a quase totalidade dos respondentes, o mercado de agências de viagens deverá se expandir em 2007, em virtude da perspectiva de nova expansão da economia brasileira (46% prevêem incremento e 54% estabilidade) e do aumento do total de passageiros transportados.

Os empresários estão bastante otimistas quanto ao aumento de faturamento no ano de 2007, prevêem uma variação média de 21,5%. Entretanto, tal fato não deverá estimular ponderavelmente a absorção adicional de pessoal (somente 1,3% a mais do que em 2006).

Tabela 7: Desempenho dos principais indicadores setoriais de Agências de Viagem - 2004, 2005, 2006 e previsão para 2007 (%)

	2004		2005		2006		2007	
	Saldo de Respostas	Variação Média						
Faturamento	91	20,1	28,0	2,8	100	17,7	100	21,5
Preços	69	9	-29	-2,5	68,8	10,1	88,6	7,1
Custos	-22	-2,8	100	11,4	100	18	100	14,2
Postos de Trabalho	40	6,1	10	5,6	77,7	13,1	41,6	1,3

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

9.2 Companhias Aéreas

Para as principais empresas do setor, a economia brasileira e o mercado de transporte aéreo cresceram em 2006, comparativamente a 2005. No entanto, o ano de 2006 foi atípico para o setor aéreo, com os problemas ocorridos com a Varig e a crise aeroportuária ocorrida no último trimestre do ano.

Segundo os empresários consultados, o faturamento bruto aumentou, em média, 42,4% em 2006 (contra 21,5% em 2005). As companhias aéreas aplicaram a estratégia de atender novos destinos e de explorar a oferta de novas rotas (que ajudaram a amenizar a crise em 2006) e a tendência é que a adoção de tais medidas seja intensificada em 2007. Vale destacar que se verificou, também em 2006, o fortalecimento de empresas de menor porte.

A evolução favorável da economia, do mercado e do faturamento, registrada em 2006, induziu a ampliação do quadro de pessoal (+34,9% em relação a 2005). Após o aumento de 14,2% nos custos, verificado em 2005, observou-se que em 2006, a variação média alcançou um nível mais tênue, com um incremento de 3%. Quanto aos preços, registrou-se declínio de 6,4% em 2006, em comparação com 2005 - ressaltou-se que um dos mais relevantes custos das empresas aéreas está relacionado aos preços dos combustíveis que possui relação direta com o câmbio.

No princípio de 2007, os mais relevantes fatores limitadores da expansão dos negócios, segundo os empresários, são a infra-estrutura aeroportuária, considerado pelo setor como seu principal gargalo, e a carga tributária elevada, enquanto que os que menos inibem esse crescimento são a escassez de capital de giro e de demanda nacional e internacional. Deverão ser realizados investimentos, em 2007, em tecnologia de informação, especialmente em seus sistemas de vendas e comercialização.

As expectativas são de significativa expansão do faturamento em 2007 (45% a mais do que em 2006), o que deverá possibilitar um aumento do quadro de pessoal (estimado em 23,1%) - cabe lembrar que o mais importante mercado para as companhias aéreas é o de viagens corporativas ou de negócios, o que o torna bastante dependente do desempenho da economia do País. Outro fator positivo é a perspectiva de aumento da oferta de assentos em 2007, com a incorporação (através de *leasing*) de novas aeronaves nas frotas.

Finalmente, vale salientar as perspectivas de redução de custos e de estabilidade de preços em 2007, como visto na tabela 8.

Tabela 8: Desempenho dos principais indicadores setoriais de Companhias Aéreas - 2004, 2005, 2006 e previsão para 2007 (%)

	2005		2006		2007	
	Saldo de Respostas	Variação Média	Saldo de Respostas	Variação Média	Saldo de Respostas	Variação Média
Faturamento	100	21,5	100	42,4	100	45
Preços	-56	-6,7	-100	-6,4	-	-
Custos	79	14,2	-100	3	-59,2	-4,1
Postos de Trabalho	18	16,4	100	34,9	100	23,1

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

9.3 Locadoras de Automóveis

Todos os empresários consultados consideraram que tanto o desempenho da economia brasileira quanto o mercado de locadoras de automóveis, em 2006, foram superiores aos constatados em 2005. Tal conjuntura proporcionou um aumento de 42,9% do faturamento bruto em 2006, comparativamente a 2005, sendo apontados como principais fatores responsáveis por esse resultado a expansão da economia do País e abertura de novas lojas. Outro fator influente foi o incremento do turismo de negócio e de lazer, intensificado pela disseminação da cultura de locação de carros e aumento do número de turistas que viajam de avião e alugam automóveis no local de desembarque.

Foi unânime a constatação de majoração de custos operacionais em 2006 (19,3% a mais do que em 2005), atribuída, em grande parte, a problemas relativos à infra-estrutura aeroportuária, como falta de espaço adequado nos aeroportos brasileiros para que as locadoras possam atender, com mais qualidade, seus clientes. Vale salientar que se confirmaram, em 2006, as previsões de estabilidade de preços, num mercado onde a concorrência é acirrada.

A evolução favorável dos negócios em 2006 refletiu-se positivamente sobre o nível de emprego, sendo registrado aumento de 19,8% em relação a 2005.

A mudança da legislação sobre a revenda de automóveis pelas locadoras, ao diminuir a capacidade dessas empresas de renovar suas frotas e a elevação dos custos operacionais são ressaltados como os mais importantes entraves à expansão dos negócios no princípio de 2007, enquanto que as razões que menos limitam esse crescimento são a escassez de capital de giro e a falta de financiamento de longo prazo. Todos os respondentes confirmaram, naquela oportunidade, o propósito de investir em 2007, especificamente na renovação da frota, na abertura de novas lojas e em tecnologia de informação.

A expectativa para 2007 é a de que a economia brasileira continue se expandindo, bem como o mercado de locadoras de automóveis. Quanto ao faturamento, estima-se a ocorrência de elevação de 22,5% em 2007, em comparação a 2006; no que tange aos custos, elevação de 10,4%; e com relação aos postos de trabalho, incremento de 12,0%. A perspectiva é que os preços continuem no mesmo patamar de 2006.

Tabela 9: Desempenho dos principais indicadores setoriais de Locadoras de Automóveis - 2004, 2005, 2006 e previsão para 2007 (%)

	2004		2005		2006		2007	
	Saldo de Respostas	Variação Média						
Faturamento	100	23,3	100	33	100	42,9	100	22,5
Preços	-9	-1,6	-	-	-	-	-	-
Custos	91	14,4	100	21,8	100	19,3	100	10,4
Postos de Trabalho	64	9,3	100	21	100	19,8	100	12

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

9.4 Meios de Hospedagem

De acordo com 37% do mercado de meios de hospedagem, a economia brasileira apresentou, em 2006, desempenho superior ao de 2005, enquanto que para 6% foi inferior. Acompanhando esta tendência de crescimento da economia, o mercado brasileiro de hotelaria registrou 55% de assinalações de incremento e 12% de retração em 2006, comparativamente ao ano anterior.

Ressalte-se que a situação econômica e cambial são razões que influenciam o comportamento do faturamento, como o observado em 2006 (+12%), em 2005 (+ 23,5%) e em 2004 (17,5%). Cabe ressaltar, no entanto, outras forças que atuaram no setor ao longo de 2006: positivamente, elevação da taxa de ocupação e do valor da diária média; negativamente, restrição à vinda de estrangeiros provocada pela sensação de insegurança (que vem afetando a imagem de destinos turísticos), escassez de vôos nacionais e, principalmente, internacionais (a partir de julho de 2006), e detecção de possível concorrência dos cruzeiros marítimos (no segmento de turismo de lazer). Vale ressaltar que, em resposta, verificou-se uma preocupação dos executivos em melhorar a gestão dos negócios, a partir da utilização de sistemas de gerenciamento *online*.

As ampliações tanto do mercado hoteleiro quanto do faturamento impulsionaram, pelo terceiro ano consecutivo, o mercado de trabalho: 6,7% em 2006, 10,6% em 2005, e 11,6% em 2004. Os preços praticados e os custos elevaram-se em 2006 (em relação a 2005): 6,4% e 8,2%, respectivamente.

Atualmente, a crise no transporte aéreo, escassez de assentos nos vôos nacionais e internacionais e legislação/regulamentação desfavorável são apontadas como os mais importantes entraves ao incremento dos negócios. Por outro lado, os que menos afetam são: a insuficiência de recursos para giro dos negócios, escassez de mão-de-obra qualificada e falta de financiamento de longo prazo.

A quase totalidade do mercado (95%) tem a intenção de investir em 2007, na incorporação de novos empreendimentos (troca de bandeiras), em tecnologia de informação e em reforma de infra-estrutura. O montante a ser destinado a investimentos corresponde a 15% do faturamento bruto do setor hoteleiro. Quanto à origem do investimento, 43% serão provenientes de capital próprio e 57% de capital de terceiros (investidores, 46%, e bancos, 11%).

As expectativas quanto ao faturamento a ser auferido em 2007 são bastante otimistas (15,6% de aumento sobre 2006), o que deverá estimular a contratação de mão-de-obra adicional (+8,2%). Para tanto, faz-se necessária à diversificação dos produtos turísticos oferecidos dentro e fora dos hotéis. Em termos regionais, vale salientar que os executivos do segmento esperam uma ampliação do número de vôos (principalmente *charters*) no Nordeste do País, o que poderá influenciar positivamente seus negócios. Antevê-se, igualmente, aumento tanto dos preços cobrados pelo setor (+6,9% contra 2006) quanto dos custos totais (+5,0%).

Tabela 10: Desempenho dos principais indicadores setoriais de Meios de Hospedagem - 2004, 2005, 2006 e previsão para 2007 (%)

	2004		2005		2006		2007	
	Saldo de Respostas	Varição Média						
Faturamento	84	17,5	78	23,5	83,2	12	96	15,6
Preços	46	5,1	79	9,9	88,9	6,4	85,2	6,9
Custos	59	5,7	64	9,4	98	8,2	79,5	5
Postos de Trabalho	69	11,6	82	10,3	29,9	6,7	75,2	8,2

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

9.5 Operadoras de Receptivo

Na percepção de 47% do mercado consultado, o desempenho da economia brasileira, em 2006, foi inferior ao de 2005, para 25% foi equivalente, e para 28% foi superior. No que concerne ao segmento de receptivo, 53% da amostra percebeu essa contração evidenciada, por exemplo, no faturamento que, em 2006, apresentou uma queda de 4% na variação média. Alguns dos fatores destacados como inibidores desta expansão foram problemas com a taxa de câmbio (uma variável estratégica para o setor) e a crise do setor aéreo, com a redução dos assentos ofertados em vôos internacionais, bem como a dificuldade de logística e de assentos no mercado doméstico. A questão de insegurança também foi apontada como relevante entrave à atividade de turismo receptivo no País, apesar do notável trabalho de promoção do Brasil no exterior. Cabe ressaltar que, em virtude da estrutura das empresas de receptivo ser considerada pouco flexível, pois são especializadas na atuação em mercados específicos, as mesmas são suscetíveis à oscilação desses mercados.

Todos os empresários informaram ter ocorrido elevação dos custos operacionais em 2006 (+18,9% em relação a 2005). Em realidade, o mercado de receptivo enfrentou, em 2006, a majoração dos preços cobrados pelos fornecedores (hotelaria e transporte) e teve dificuldades para repassar integralmente o aumento dos custos para os preços finais (que cresceram 14,4% em relação a 2005) dada a alta competitividade do turismo no mercado internacional. Esse fato foi agravado pela valorização do real. Tal situação desestimulou os empresários, em geral, a ampliarem significativamente o quadro de pessoal em 2006 (apenas 2,8% em contraste com 7,1%, em 2005).

No início de 2007, os mais relevantes fatores limitadores da expansão dos negócios são a concorrência com outros destinos, a carga tributária elevada, a crise do setor aéreo e a escassez de assentos em vôos internacionais e domésticos, enquanto que os que menos inibem esse crescimento são a concorrência com outras operadoras e a escassez de mão-de-obra qualificada. Deverão ser realizados investimentos, em 2007, particularmente em tecnologia e em participação em feiras internacionais.

Pouco mais de 28% do mercado de operadoras de receptivo prevê expansão da economia brasileira no ano em curso, enquanto que aproximadamente (72%) esperam que se mantenha estável comparativamente a 2006. Em relação ao mercado receptivo, entretanto, predominam prognósticos de estabilidade (saldo de 1%).

Quanto ao faturamento em 2007, estima-se declínio de 7,4% em relação a 2006; no que concerne aos custos, majoração de 13,2%; no que tange aos postos de trabalho, redução de somente 0,1%; e no que se refere aos preços, aumento de 14,0%.

Tabela 11: Desempenho dos principais indicadores setoriais de Operadoras de Receptivo - 2004, 2005, 2006 e previsão para 2007 (%)

	2004		2005		2006		2007	
	Saldo de Respostas	Variação Média						
Faturamento	100	13,5	100	15	4	-4,2	-34,6	-7,4
Preços	46	3,4	100	8,3	94	14,4	94	14
Custos	100	12,5	-	-	100	18,9	94	13,2
Postos de Trabalho	76	9,2	57	7,1	86	2,8	16	-0,1

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

9.6 Operadoras de Turismo

A quase totalidade do mercado (91%) considerou o desempenho da economia brasileira, em 2006, melhor do que o de 2005, o mesmo acontecendo em relação ao mercado de operadoras (88% de assinalações de expansão). Continuaram afetando esse resultado a taxa de câmbio (a qual tem favorecido as viagens de brasileiros ao exterior), a promoção do turismo doméstico e a facilidade de pagamento de pacotes para o consumidor (taxas de juros mais convidativas e prazos mais dilatados).

A variação média do faturamento das empresas pesquisadas cresceu 18,5%, em 2006 (contra 17,3% em 2005, e 47,0% em 2004), grande parte devido ao aumento da demanda nacional e internacional de passageiros e à diversificação dos produtos e destinos turísticos oferecidos. Tal cenário induziu os empresários a ampliarem o quadro de pessoal (10,7% a mais do que em 2005).

No que tange aos custos operacionais, verificou-se majoração de 5,7% em 2006 (contra 13,7% em 2005, e 15,6% em 2004). Por outro lado, os preços cobrados têm evoluído em percentuais bem inferiores: +1,8% em 2006, -4,5% em 2005, e +9,1% em 2004. A elevação dos custos (especialmente da mão-de-obra, telecomunicação, marketing e tecnologia da informação) foi compensada, em parte, pelo incremento do número de pacotes vendidos.

No começo de 2007, os mais relevantes fatores limitadores da expansão dos negócios são escassez de assentos nos vôos internacionais, crise no setor de transporte aéreo, carga tributária elevada, majoração dos custos operacionais e escassez de pessoal qualificado. Dentre os entraves que menos afetam o incremento dos negócios destacam-se escassez de clientes, falta de financiamento de longo prazo, insuficiência de recursos para giro e acirramento da concorrência.

O montante destinado a investimentos em 2007 corresponde a 6,5% do faturamento bruto do ramo, devendo ser alocado principalmente em tecnologia de informação, treinamento de recursos humanos, desenvolvimento de novos produtos e marketing.

Mais uma vez predomina, entre os empresários pesquisados, otimismo quanto à evolução do faturamento (+19,0% em 2007, comparativamente a 2006). A se confirmar tal prognóstico, as operadoras de turismo terão maior poder de negociação junto a fornecedores. No que concerne a preços e custos, os percentuais de aumento previsto para 2007 são de, respectivamente, 4,5% e 4,4%.

Tal quadro deverá certamente induzir empresários a ampliarem o quadro de pessoal, mas o crescimento previsto (8,9%) deverá ser atenuado pelo alto investimento a ser feito, em 2007, na qualificação da mão-de-obra, o que proporcionará um aumento da produtividade, inibindo um maior número de contratações.

Tabela 12: Desempenho dos principais indicadores setoriais de Operadoras de Turismo - 2004, 2005, 2006 e previsão para 2007 (%)

	2004		2005		2006		2007	
	Saldo de Respostas	Varição Média						
Faturamento	100	47	86	17,3	54	18,5	98	19
Preços	87	9,1	-28	-4,5	6	1,8	75	4,5
Custos	99	15,6	97	13,7	65	5,7	68	4,4
Postos de Trabalho	98	28,5	79	21,4	52	10,7	72	8,9

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

9.7 Promotores de Feiras e Eventos

De acordo com 62% desse segmento, o desempenho da economia brasileira, em 2006, superou o de 2005, e para 28%, foi inferior. No que tange ao mercado de feiras e eventos especificamente, registraram-se 53% de assinalações de expansão e 10% de retração. Ressalta-se que o segmento de feiras possui muitas vezes uma sazonalidade bianual o que deve ser levado em consideração na análise do setor.

Segundo os empresários consultados, o faturamento bruto das empresas aumentou 27,3% em 2006. Essa elevação pode ser explicada pela maior captação de eventos internacionais, pela majoração do preço cobrado e pela constatação da criação de novas feiras para a promoção de produtos específicos. Tal quadro induziu os empresários a ampliarem o número de contratações (+19,6% em 2006), após o registro de estabilidade em 2005.

Quanto aos custos operacionais, verificou-se aumento de 19,2% em 2006, em virtude do incremento do custo do pavilhão, da divulgação, da impressão gráfica e da folha de pagamento. Essas majorações foram parcialmente repassadas aos preços cobrados (+8,6%).

No começo de 2007, os mais relevantes fatores inibidores da expansão dos negócios das feiras são o aumento dos custos operacionais e a falta de espaço e inadequação da infra-estrutura para a realização de grandes feiras. Por outro lado, as razões menos importantes são a inadimplência, acirramento da concorrência, escassez de capital de giro e queda do número de participantes. No que concerne aos eventos, as razões que mais limitam a expansão dos negócios a escassez de patrocinadores e de recursos para giro, a falta de espaços adequados e a sensação de insegurança, enquanto que os menores entraves são a inadimplência e a escassez de mão-de-obra qualificada.

Ainda para o ano de 2007, 91,2% do mercado confirmaram a intenção de investir - os promotores de feiras, no treinamento de funcionários, na captação de novos projetos e em tecnologia; e os promotores de eventos, em capacitação profissional, diversificação do negócio e em tecnologia. O valor do investimento estimado em relação ao faturamento bruto do ramo é de 6,9%.

A variação média estimada do faturamento bruto para 2007 (em comparação com 2006) é de 14,7% - ressalte-se que a sazonalidade inerente ao segmento afeta diretamente o faturamento das empresas. Por esse motivo, não é prevista a ampliação do quadro de pessoal (em realidade, espera-se pequena redução de 0,9%). Finalmente, os respondentes estimam que o reajuste dos preços cobrados (7,2%) deverá ser superior ao aumento dos custos (2,4%).

Tabela 13: Desempenho dos principais indicadores setoriais de Feiras e Eventos - 2004, 2005, 2006 e previsão para 2007 (%)

	Constatado 04		Constatado 05		Constatado 06		Esperado 07	
	Saldo de Respostas	Varição Média						
Faturamento	44	5,7	100	13,9	78,8	27,3	45,2	14,7
Preços	61	6,8	77	7,4	100	8,6	88	7,2
Custos	100	17,7	94	7,2	80,3	19,2	55,5	2,4
Postos de Trabalho	61	7	6	-1	27,6	19,6	1,3	-0,9

Fonte: EBAPE - FGV, Embratur e Ministério do Turismo

10. Anexo: Boletim de Desempenho Econômico do Turismo

O Ministério do Turismo e a Embratur, em parceria com a EBAPE - FGV, publicam trimestralmente o Boletim de Desenvolvimento Econômico do Turismo, cujo principal objetivo é divulgar o resultado da análise do recente desenvolvimento do setor de turismo no Brasil.

A Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo nasceu da intenção da FGV de se aferir a fidelidade do Boletim frente à realidade da economia do turismo no Brasil. Assim, a primeira edição da pesquisa anual, em 2005, foi buscar junto aos principais executivos de cada uma das grandes empresas do turismo brasileiro, uma opinião que permitisse comparação com a “tomada de pulso” trimestral que o boletim faz. O resultado dessa iniciativa afirmou o Boletim como instrumento útil e válido com a realidade do turismo e reforçou a necessidade de manutenção da própria pesquisa anual.

A metodologia aplicada conta com a avaliação de três momentos: o atual; o passado recente, obtido pelas observações relativas ao trimestre imediatamente anterior; e a perspectiva para o trimestre seguinte, em comparação ao recém concluído. Os resultados dessa análise atuam como instrumentos de sondagem do setor, com tendências e indicadores do mercado e proporcionam uma ferramenta aos tomadores de decisão público e privado, que os oriente no curto e médio prazos.

Os sete segmentos entrevistados são: agências de viagem, promotores de eventos, meios de hospedagem, operadoras de turismo e receptivo, restaurantes, companhias aéreas, e parques temáticos e atrações turísticas.

Um fator diferencial da pesquisa trimestral é a sua realização inteiramente via internet, uma vez que os questionários são enviados por meio de correio eletrônico e disponibilizados, em formato digital, no site da Embratur.

Você, empresário ou gestor público, pode solicitar seu cadastro como respondente da pesquisa por correio eletrônico (pesqneath@fgv.br), além de acompanhar todas as edições realizadas através do site <http://www.turismo.gov.br/dadosefatos>

11. Compromisso de Confidencialidade

A Fundação Getulio Vargas com sua tradição em pesquisas de diversas áreas, se compromete a não divulgar as informações e dados fornecidos pelas empresas respondentes.

As informações prestadas a FGV relativas a qualquer tipo de negócio, comércio, know-how ou dados técnicos serão utilizadas somente para o propósito de atividades relacionadas a esta pesquisa e não serão distribuídos, revelados ou divulgados a terceiros.

A pesquisa publicada não revela qualquer informação individualizada fornecida pelos respondentes, uma vez que as análises são realizadas com base em números agregados.

A propriedade do conhecimento gerado será de uso exclusivo da equipe da pesquisa, garantindo-se que nenhuma pessoa estranha à equipe de pesquisadores poderá ter acesso aos dados e que se preservará a confidencialidade das informações.

12. Agradecimentos

A Fundação Getulio Vargas, Ministério do Turismo e Embratur, reconhecem a colaboração e boa vontade recebida, e expressam o seu agradecimento aos executivos das empresas participantes que gentilmente disponibilizaram, além de seu tempo e atenção, dados e informações fundamentais para a elaboração deste estudo.

13. Equipe

Fundação Getulio Vargas

Presidente

Carlos Ivan Simonsen Leal

Diretoria EBAPE

Bianor Scelza Cavalcanti

Coordenação NEATH

Luiz Gustavo M. Barbosa

Deborah Moraes Zouain

Coordenação da Pesquisa Anual

Márcia Navi de Souza

Especialistas

André Coelho

Cristiane Rezende

Fabíola Barros

Erick Lacerda

Letícia Magno Ribeiro

João Evangelista

Joaquim Rubens

Paola Lohmann

Paulo Stilpen

Metodologia e Estatística

Leonardo Siqueira

Marcela Cohen

Ministério do Turismo

Ministro do Turismo

Walfrido dos Mares Guia

Secretário Executivo

Márcio Favilla Lucca de Paula

Embratur

Presidente

Jeanine Pires

Diretoria de Estudos e Pesquisas

José Francisco de Salles Lopes

Gerência de Estudos e Pesquisas

Neiva Duarte